

# A DONZELA-GUERREIRA: UM ESTUDO DE GÊNERO \*

CREUD PEREIRA SANTOS MARTINELLI

Estudos de gênero, por mais atuais que pareçam, não privilegiam uma reflexão exclusiva da modernidade. Os antigos compêndios egípcios de astrologia já percorriam um caminho que levantava a questão e, com muita clareza, sinalizavam para uma concepção de *diferença sem exclusividade*. Sol e Marte eram considerados planetas cujas energias respondiam pelos caracteres masculinos – o chefe da família, o guerreiro –, em oposição à Lua e Vênus cujas influências eram determinantes para a mulher, regulando sua carga hormonal não apenas para funções de procriação e nutrição, mas também para as de amante, objeto de prazer erótico – a mãe, a prostituta.

A constatação da diferença, portanto, não delimitava rígidas fronteiras nem tampouco ignorava a complexidade de matizes de que se tem revestido o comportamento humano. Assim, ainda que os horoscopistas de aluguel de nossa imprensa tenham banalizado os conhecimentos dessa sabedoria milenar, com previsões e sínteses de traços de personalidade produzidas em atacado para atender leitores superficialmente sintonizados com a moda ocultista, os estudiosos da Antigüidade, antecipando uma vertente individualista, alertavam que, mesmo o mais viril dos homens, se fortemente marcado por energias de Vênus, expressar-se-ia mais suave e artisticamente frente a outro que, à guisa de exemplo, ostentasse um Marte natal angulado pelos raios carregados da seriedade de um Saturno ou da espiritualidade de Netuno. A influência lunar na carta natal de um homem poderia oferecer uma coloração mais feminina a seu caráter e

(\*) Walnice Nogueira Galvão. *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.

levá-lo a priorizar a vida doméstica em detrimento da aventura oferecida pelo mundo teoricamente masculino, exterior às paredes do lar, sem lhe comprometer, entretanto, a especificidade sexual.

Há que se ponderar, portanto, no bojo dessa leitura de mundo fundamentada nas estrelas e planetas, independentemente de quaisquer outras objeções – e elas são muitas –, uma concepção de homem e de mundo multifacetada, na medida em que incorpora diferenças individuais e que, estranhamente, extrapola os limites da rigidez característica dos papéis sociais.

Com relação ao feminino, a questão adquiriria uma complexidade até maior, pois sua regente natural, a Lua, colaborava para a construção de crenças fundamentadas na possibilidade de que pudesse ser responsável por idiossincrasias as mais inesperadas. Primeiramente, porque a Lua nem é um planeta, ocupando posição de exceção entre eles; e, em segundo lugar, suas influências, no comportamento humano e na natureza, desfrutavam uma aura de mistério, instabilidade, imprevisibilidade, passível de ser constatada não apenas a olho nu nos variados formatos dos ciclos de Cheia, Crescente, Minguante e Nova, mas também pelos efeitos que se lhe atribuíam com relação à colheita, às marés, aos humores de animais etc. Como os homens, qualquer mulher cuja Lua natal estabelecesse angulações com outro planeta também estaria sujeita a diferenças muito particulares em seus traços femininos: os raios de Vênus poderiam beneficiá-la com uma sensibilidade artística acentuada, os de Saturno transformá-la em uma bruxa, os de Mercúrio confeririam agudeza intelectual. Em especial, as guerreiras, dominadoras e aventureiras teriam sido banhadas, por ocasião do nascimento, com os raios poderosos de Marte, capazes de dotá-las de fortes características masculinas. De qualquer forma, em se tratando do feminino, acrescentavam-lhe ainda um outro ingrediente: o mistério inerente à própria Lua..

São sobre essas últimas que se debruça o trabalho da professora Walnice Nogueira Galvão, *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. É esta mulher, corajosa o suficiente para expressar publicamente energias marcianas mais próprias do masculino – a quem os astrólogos não titubeariam em utilizar como um exemplo de uma Lua angulada por Marte, para o pior ou melhor –, que polariza sua atenção. A obra persegue e comprova a incidência desse tipo na literatura, em diferentes mitologias, culturas, civilizações e momentos históricos. A autora localiza a donzela-guerreira sob as vestes da jovem grega Atalanta, como Dô-Nhã, Mula-Marmela ou Doralva em Guimarães Rosa, na pele das belicosas amazonas em *Macunaíma*, na saga da orgulhosa rainha africana Jinga. Nessa galeria figuram personagens históricas como Clara Camarão, a cangaceira Maria Bonita, Anita Garibaldi e Maria Curupaiti, lendárias pela participação na Guerra do Paraguai, e a sonhadora e infeliz Jovita Alves Feitosa. Paralelamente, não foram esquecidas Luzia-Homem, Dona Guidinha do Poço, e tantas outras personagens como as da prosa de Alencar e mesmo o Orlando de Virgínia Woolf.

Segundo a autora, para melhor compreendê-la, “é preciso compará-la com as demais. Entre tantos destinos de mulher, ela se destaca, de saída, por ser outra: ela não é mãe, nem esposa, nem prostituta, nem feiticeira, etc. Seu nicho muito especial deve ser procurado ali onde não radica nenhuma dessas”. Recusando-se a atender às expectativas próprias de seu sexo, a donzela-guerreira –

que necessariamente não precisa ser donzela, pois pode pugnar ao lado do cônjuge – caracteriza-se pelo ardente desejo de invadir áreas tradicionalmente proibidas à experiência feminina.

Ao lado da *mulher fatal*, da *mulher anjo*, da *outra*, a donzela-guerreira de Walnice Nogueira Galvão não pretende solucionar o mistério do *eterno feminino*, como revela o título do último capítulo, “Arremate: o enigma”. A pesquisa, seleção textual e organização da obra iluminam, portanto, mais um contorno do enigma, contribuindo de forma inovadora para a compreensão da trajetória das mulheres, ratificando, isto sim, como bem compreende a autora, *a inferência da relatividade na definição mútua dos gêneros*.

Quando consultavam o céu para sondar o destino, os antigos astrólogos já sabiam que todas as estrelas são diferentes, embora iguais quando contempladas no firmamento. Vale lembrar aqui o célebre escrito do egípcio Hermes Trimegisto, registrando a resposta que a deusa Ísis dá ao filho Hórus quando questionada sobre as almas nascerem macho ou fêmea: “As almas, meu filho Hórus, são iguais por natureza: não há entre elas nem macho nem fêmea; esta distinção só existe nos corpos encarnados”.